

GERAÇÃO MEU ÂNUS

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i29p518-520>

Pedro Antônio Matias da Silva ¹

(Luzes todas apagadas, escuridão completa, alguns barulhos no backstage, como se fossem portas batendo, diversas portas, começa uma só, meio baixa, de repente uma bate bem alto, então várias e várias portas batendo, todas juntas, de repente silencia. Entra um homem com cigarro aceso, só é possível ver a brasa no escuro. Ele vai andando de um lado a outro do palco. Conforme ele passa, focos de luz abrem por onde ele recém passou, para apagar dois segundos depois. Ele caminha da coxia esquerda à direita e lá pega uma cadeira simples de madeira. Vem caminhando até o centro do palco, colocando a cadeira um pouco mais perto do público. Vários focos abrem em volta da cadeira, nenhum exatamente focando-a, mas ela é iluminada um pouco por cada um. O homem coça o ânus. Ele está com um pijama de algodão, pobre, possivelmente manchado, descalço, cabelos bagunçados, barba por fazer, olheiras profundas, e o cigarro na mão, aceso, dá uma risada nervosa e senta esfregando os olhos com as costas da mão, lentamente os focos tangenciais vão apagando ficando um único, nele).

– De modo que... QUEM DIABOS USA PIJAMA?! *(Levanta, arranca a parte de cima do pijama, sem abrir, estourando botões e arrancando pela cabeça, pega na peça de roupa o maço de cigarros no bolso, joga o pijama para trás)* – Quer cigarro? *(tira três cigarros da carteira, um isqueiro dos dois que estão dentro do maço, guarda no bolso da calça, e joga em direção ao público o maço com alguns cigarros dentro, dá uma tragada e começa)* – Hoje em dia, ninguém mais fuma *(risada nervosa)*. Ninguém, geração saúde, como se não fossem morrer: viver pra sempre, caralho. Geração meu cu. *(risada nervosa)* Como se não fossem morrer. Outro dia morreu o marido da vizinha, eu nunca falava com ele, nem com ela. Então ela bateu aqui na porta, pedindo se eu não

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

podia ajudar com o enterro. Tava com a cara toda inchada: parecia que tinha levada uma puta surra. Eu fiquei pensando que só faltava o marido ter batido nela, e ela ir pedir ajuda logo na minha casa. Então ele explicou que o cara tinha ido bater um lero com São Pedro, falei meus pêsames e já ia fechando a porta quando ela perguntou se eu não podia ajudar a preparar o velório e o enterro, que ele gostava muito de mim, parari parara. Porra! Nem falava com o homem. A verdade é que era uma mulher que não trabalhava (*traga*): só ficava cuidando da casa o dia todo. Não fazia porra nenhuma: não sabe fazer nada. Acho que mulher que vive das custas do marido não merece respeito. Porra, essa tinha até empregada: era praticamente a puta do cara. Foi por isso que me separei da minha mulher (*traga, se o cigarro acabar durante o diálogo, na rubrica de tragar o ator deve acender outro e tragar*). Foi por isso. (*Levanta*) Minha mulher até trabalhava, mas não fazia nada sozinha. Se ia no mercado eu tinha que ir junto; se ia lavar uma louça eu tinha que estar na volta; se precisava ir buscar algum documento, lá ia eu. Porra. PORRA CARALHO! (*Vai até a boca do palco e cai de joelhos debulhado em lágrimas, violentamente esbofeteia a própria cara. De caixas de som, ou do fundo do palco, vem um barulho de briga, a mulher anuncia que vai embora, que não vai viver com um machista, gritos discussões, barulho de coisas quebrando, mais e mais brigas diferentes vão se juntando no mesmo som, até ficar incompreensível, até ser apenas barulho enorme, enquanto isso o ator se bate, chora, arranha o chão do palco, grita, desesperado. Silêncio total*). Luísa, volta pra mim, volta. Eu faço tudo: eu não entendo. Eu prometo. Eu lavo toda a louça sozinho se for preciso. Eu me importo com as coisas da casa. Eu mudei, juro, não deixo você fazer nada mais sozinha, prometo, estarei presente, prometo, prometo, prometo, porra, PORRA, PORRA, PORRA, PORRA! (*joga o cigarro longe*). A gente morre Luisinha, sempre morre, morre um pouco, porra, por favor (*começa a se arrastar no palco, se levanta e vai até a cadeira, sobe nela, abre os braços em forma de cruz*). ME PERDOA, EU NÃO SABIA O QUE EU ESTAVA FAZENDO! (*Desce da cadeira lentamente*). Gente morre todo dia. (*Cai o pano e assim que o palco se fecha se ouve um tiro*).

Recebido em 4 de janeiro de 2022
Aprovado em 14 de fevereiro de 2022

Licença: 

Pedro Antônio Matias da Silva

Professor de Língua Portuguesa e Literatura há mais de uma década e Doutorando em Letras na
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Contato: pmatiass@gmail.com

: <https://orcid.org/0000-0001-6400-3399>